



OS EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRPE

FELIPE BARBOSA DOS SANTOS²⁶

RESUMO

Objetivou-se mapear o perfil dos estudantes egressos do Curso de Ciências Sociais da UFRPE. A pesquisa foi descritiva de caráter quali-quantitativo, utilizando entrevistas e questionário. Como resultado, pontuamos a fragilidade do curso na promoção de informações sobre as áreas de atuação, as pouquíssimas oportunidades de trabalho no mercado brasileiro, o escasso reconhecimento da função e a predominância de uma visão de atuação voltada apenas para a academia.

PALAVRAS-CHAVE: Egressos. Profissionalização do cientista social. UFRPE.

ABSTRACT

The objective was to map the profile of students graduating from the UFRPE Social Sciences Course. The research was descriptive of a quali-quantitative character, using interviews and a questionnaire. As a result, we point out the weakness of the course in promoting information about the areas of activity, the very few job opportunities in the Brazilian market, the scant recognition of the role and the predominance of a vision of performance focused only on the academy.

KEYWORDS: Graduates. Professionalization of the social scientist. UFRPE.

Introdução

Este artigo tem sua relevância por propiciar o entendimento acerca do perfil dos egressos do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, tendo como foco a atuação profissional dos mesmos no mercado de trabalho e reflexões sobre a forma pela qual o Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE tem preparado os graduandos para atuar no mercado de trabalho. A análise do estudo estruturou-se a partir da abordagem quali-quantitativa. Durante a pesquisa foram utilizadas técnicas como questionário e entrevistas estruturadas, as quais nos possibilitou compreender a realidade descrita.

Em nosso referencial teórico buscou-se contextualizar a gênese da Universidade ocidental e a visão de alguns pensadores com relação ao papel da mesma. Em seguida buscou-se descrever os aspectos que nortearam o advento da universidade brasileira,

²⁶ Pedagogo. Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Email: felipe.fb929@gmail.com



o curso de Ciências Sociais no Brasil, tal como a ideia que se tem de formação para o mercado de trabalho e formação profissional atrelada ao estágio curricular.

O curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE foi originado no ano de 1990, sendo reconhecido pelo Ministério da Educação em 1999. Neste período o curso ganhou ênfase nos aspectos da sociologia rural, o mesmo foi reformulado no ano de 2004. Por volta de 2012 deliberou-se um novo Projeto Pedagógico, onde propôs uma nova matriz curricular ao curso, tal matriz subdivide o curso em três áreas distintas: Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas, delineando-se em oito períodos, constituídos por 37 disciplinas, oferecidos em horários diurno e noturno.

O Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais (PPC) visa no que diz respeito ao perfil do profissional, promover uma formação científica e humanista que possibilite:

[...] competências em determinado campo do saber para o exercício da atividade acadêmica, profissional ou cultural. Desse modo, concluída sua formação inicial os estudantes de Ciências Sociais da UFRPE estarão aptos a atuar, entre outras instituições, em organismos de planejamento, assessoramento de ONGs, movimentos sociais, assim como em órgãos públicos, autarquias, secretarias, museus, fundações e instituições privadas que realizem pesquisas sociais, antropológicas e de opinião pública (Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, 2012).

Frente às possíveis expectativas de formação ofertada pelo departamento ao longo dos quatro anos, espera-se que os discentes desenvolvam determinadas habilidades e competências. Segundo o PPC espera-se que os egressos do curso,

[...] seja(m) capaz(es) de atuar na busca da compreensão do funcionamento dos sistemas sociais, estabelecendo relações entre seus agentes e a dinâmica das transformações políticas e sociais. Podendo atuar como pesquisador em Instituições de Ensino Superior; em órgãos públicos e em organismos internacionais, na elaboração de políticas e programas sociais; em movimentos e organizações sociais; em empresas e instituições de pesquisas. Também pode atuar de forma autônoma, em empresa própria ou prestando consultoria (Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, 2012).

O Projeto Pedagógico do Curso pressupõe que os egressos consigam no que concerne a sua atuação profissional tal como seu papel social:

Articula(r) a teoria social, a pesquisa e a prática profissional para a compreensão



de questões relevantes do contexto social, político e cultural, podendo subsidiar a formulação, execução, acompanhamento e avaliação de políticas públicas e programas em órgãos governamentais. Poderá também coordenar e supervisionar equipes de trabalho, elaborar pareceres, projetos e laudos sobre assuntos sociais e culturais. Em sua atuação, considera as Ciências Sociais como prática que compõe a identidade nacional (Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, 2012).

Formar para atuação profissional (educação, pesquisa e ONGS.)

Antes de explanar a discussão sobre a atuação profissional do cientista social é necessário explicitar sobre as facetas que a formação em ciências sociais promove, neste caso busca-se descrever os aspectos que diferenciam o bacharelado da licenciatura em ciências sociais.

Segundo as Diretrizes Curriculares - dos cursos de graduação em ciências sociais - Sociologia, Antropologia e Ciência Política, os formandos nessa área deverão atuar como:

[...] Professor de ensino fundamental, de ensino médio e de ensino superior. - Pesquisador seja na área acadêmica ou não acadêmica. - Profissional que atue em planejamento, consultoria, formação e assessoria junto a empresas públicas, privadas, organizações não governamentais, governamentais, partidos políticos, movimentos sociais e atividades similares (BRASIL -Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política, Sociologia).

Compreende-se que o estudante de licenciatura é capacitado durante o curso a criar habilidades didático-pedagógicas que possam promover um possível domínio de conteúdos que viabilizem sua função no exercício do magistério. No que concerne aos alunos do bacharelado, estes são formados na perspectiva de constituir capacidades de pesquisa e reflexões críticas com relação aos fenômenos da vida social; capacidades de lidar com teorias e metodologias advindas das ciências sociais (SILVEIRA e SILVA, 2008).

Ao se tratar da inserção dos graduados em ciências sociais no mercado de trabalho, Schwartzman pontua que “[...] não existem muitos empregos para que sociólogos possam trabalhar na execução de planos, programas e projetos socioeconômicos, mesmo supondo que eles adquiram essa competência em seus cursos de graduação” (2009, p.276).

Outra dificuldade que se atrela a realidade do cientista social no mercado de trabalho é o desconhecimento de suas funções, tal qual, a falta de distinção entre cientista social e assistente social (BERGER, 1986). Fato que muitas vezes promovem frustrações em muitos



jovens no decorrer dos estudos.

Schwartzman ao falar sobre o território prático do profissional das ciências sociais, resalta: “[...] minha hipótese é de que os principais campos de trabalho para os sociólogos brasileiros, hoje, são as organizações não-governamentais da sociedade civil, o trabalho na administração pública e a carreira acadêmica (2009, p.276)”. Nessa mesma perspectiva Gomes e Azevedo ao relatarem as possíveis atividades exercidas por sociólogos e cientistas políticos apontadas pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), ressaltam que esses profissionais,

[...] trabalham predominantemente em órgãos da administração pública, em departamentos de pesquisas das esferas pública e privada, como estatutários ou com carteira assinada, muitas vezes em equipes interdisciplinares. Dentre as sete atividades citadas estão: realizar estudos e pesquisas sociais, econômicas e políticas; gerir patrimônio histórico e cultural; realizar pesquisa de mercado; participar da elaboração e implementação de políticas e programas públicos; organizar informações sociais, culturais e políticas; elaborar documentos técnico-científicos; demonstrar competências pessoais (2017, p.97).

Contudo ainda existem contrariedades e complexidades no que concerne às oportunidades de emprego para estes intelectuais, Mirhan (2015 apud GOMES e AZEVEDO 2017, p. 98) a respeito do exercício do sociólogo em face ao mercado de trabalho expõe que,

[...] existem hoje 18 áreas de trabalho ocupadas por sociólogos e divididas em três categorias: 1) mercado bem aquecido; 2) áreas não-exclusivas - mercado relativamente aquecido; 3) áreas de trabalho em disputa com outras profissões - mercado pouco aquecido e pouco desenvolvido. No primeiro grupo estão a docência; a pesquisa; a pesquisa de opinião e de mercado; e o assessoramento sindical. No segundo grupo estão o meio ambiente; o planejamento; a reforma agrária; o marketing político; e o lazer, recreação e turismo. E, por último, estão as áreas de relações internacionais; saúde; jurídica e carcerária; legislativo; recursos humanos; editoração; comunicação; cultura; e assistência social.

Diante do exposto, percebe-se que a docência e a carreira acadêmica ganham destaque na área do profissional das ciências sociais, contudo nas demais áreas, os cientistas sociais ainda passam por disputas com profissionais de outras áreas, não tendo papel exclusivo para determinadas funções.

Formação do profissional (estágios)

Compreende-se que a prática do estágio tem fundamental relevância na formação profis-



sional, já que este constitui um papel essencial no processo de formação de licenciados e bacharéis, proporcionando um momento de reflexões entre teoria e prática. Pimenta e Gonçalves (1990 apud PIMENTA e LIMA 2005/2006, p.14) pontuam que “a finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará”.

Se tratando da formação profissional dos bacharelados em ciências sociais, Santos declara que,

As diretrizes curriculares para a graduação em Ciências Sociais lembram ainda que o estágio (Licenciatura e Bacharelado) deve integralizar a estrutura do curso, assim como atividades acadêmicas complementares como “iniciação científica, laboratórios, trabalho em pesquisa, trabalho de conclusão de curso, participação em eventos científicos, seminários extra-classe, empresa júnior, projetos de extensão” (2010, p.38).

Segundo Santos “o estágio para o bacharelado persegue uma presença mais constante da dinâmica teoria e prática nas Ciências Sociais” (2010, p. 40). O autor ainda pontua que:

Ele visa familiarizar o estudante com as problemáticas sociais, políticas e culturais, bem como em relação às técnicas de pesquisa social. Assim como o estágio de licenciatura, deve atualizar o curso frente às complexidades contemporâneas. Contudo, carece de maior orientação e mesmo de uma reflexão mais aprofundada nos projetos pedagógicos da maioria dos cursos (SANTOS, 2010, p.40).

Nota-se que o curso de bacharelado em ciências sociais além de enfatizar problemáticas voltadas à sociedade em seus aspectos políticos e culturais, focaliza em técnicas de pesquisa atreladas à área desta ciência. Nessa mesma perspectiva, se tratando do estágio no bacharelado, percebe-se algumas particularidades distintas da licenciatura, a resolução CNE/CES n° 12/02 expõe que,

Considerando que os instrumentos legais supracitados não contemplam expressamente o caráter de obrigatoriedade do estágio para o bacharelado, manifesto-me no sentido de que deve ficar a critério de cada instituição a sua inclusão no respectivo projeto pedagógico do Curso de Ciências Sociais, bacharelado (BRASIL, 2002).

Assim, compreendesse que a prática do estágio em cursos de Bacharelado em Ciências Sociais é de caráter opcional na instituição de ensino, sendo este facultativo aos projetos pedagógicos do curso.

Quando se trata da área de licenciatura em ciências sociais a qual possibilita ao aluno(a) a experiência didática na educação básica, Santos nos lembra de que a “interpretação dada pelo Parecer CNE/CP28/2001 indica a necessidade de que a licenciatura conte com o es-



tágio curricular supervisionado de ensino com 400 horas”(2010, p. 39). Ao se tratar do estágio na área da licenciatura, é notável certa exigência na promoção do estágio curricular, já que subentendesse que os profissionais formados atuarão diretamente em sala de aula.

Metodologia

Com relação aos aspectos metodológicos, foram utilizados subsídios pautados em entrevista e questionário, ambos estruturados. A pesquisa caracteriza-se por ser descritiva de viés quali-quantitativo, pois se utiliza de caráter qualitativo e quantitativo na tentativa de obter dados mais amplos sobre o conteúdo pesquisado.

Na tentativa de justificar o uso da mesma trazemos o conceito de pesquisa qualitativa “caracterizada como tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (RICHARDSON, 2012, p.90).

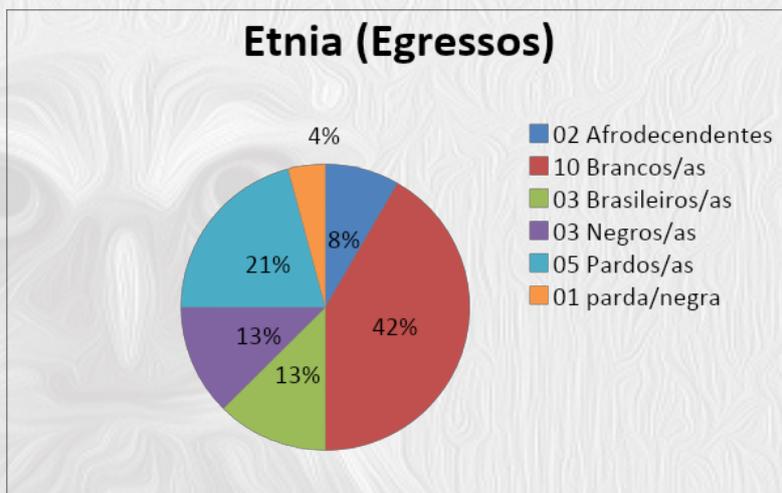
No que diz respeito à pesquisa quantitativa, destaca-se “pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas” (RICHARDSON, 2012, p. 70).

Sobre as técnicas de pesquisa, especificamente a entrevista estruturada, Gil afirma que esta técnica “possibilita o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais” (2008, p.113).

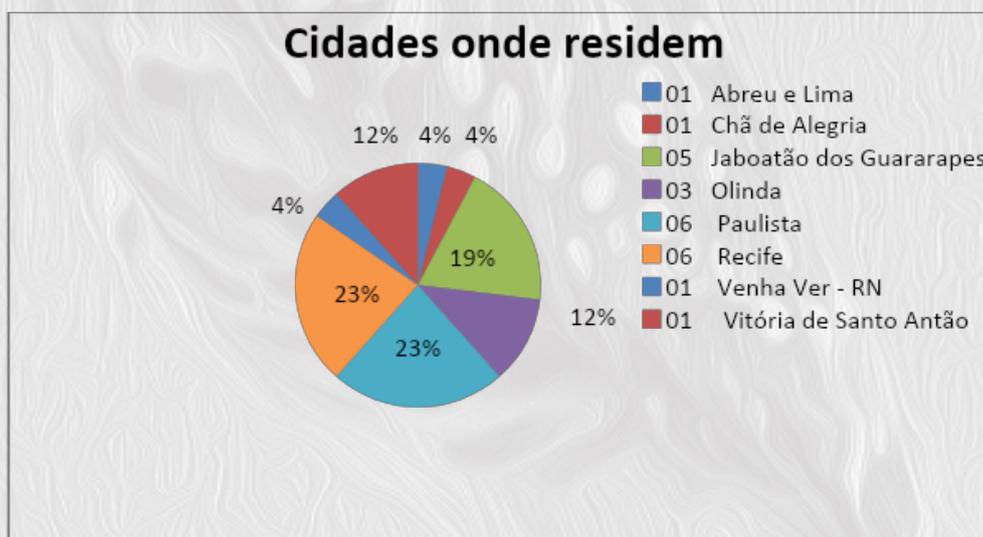
Com relação ao questionário utilizado, Gil, apresenta algumas possíveis funções do mesmo,

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (2008, p.21).

Dentre os 57 egressos que receberam o questionário, apenas 24 responderam o mesmo, as faixas etárias dos egressos variam entre 52 e 24 anos. Com relação ao gênero, dos 24 participantes, 21 se consideram do gênero feminino e 03 do gênero masculino. No que diz respeito à etnia, abaixo pode-se visualizar como os egressos responderam a uma pergunta aberta, a respeito:

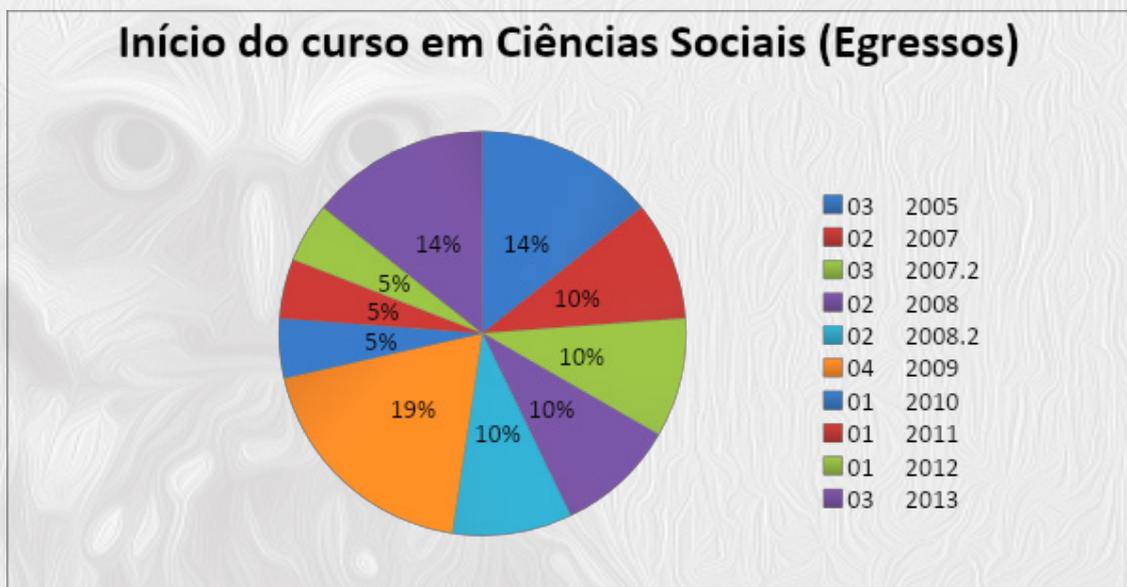


Procurou-se identificar a localidade onde tais egressos residem, frente ao questionário realizado via Google Forms, também uma questão aberta, ou seja, para o respondente formular a sua resposta e não marcar um x, os participantes da pesquisa afirmaram residir nas cidades elencadas abaixo:

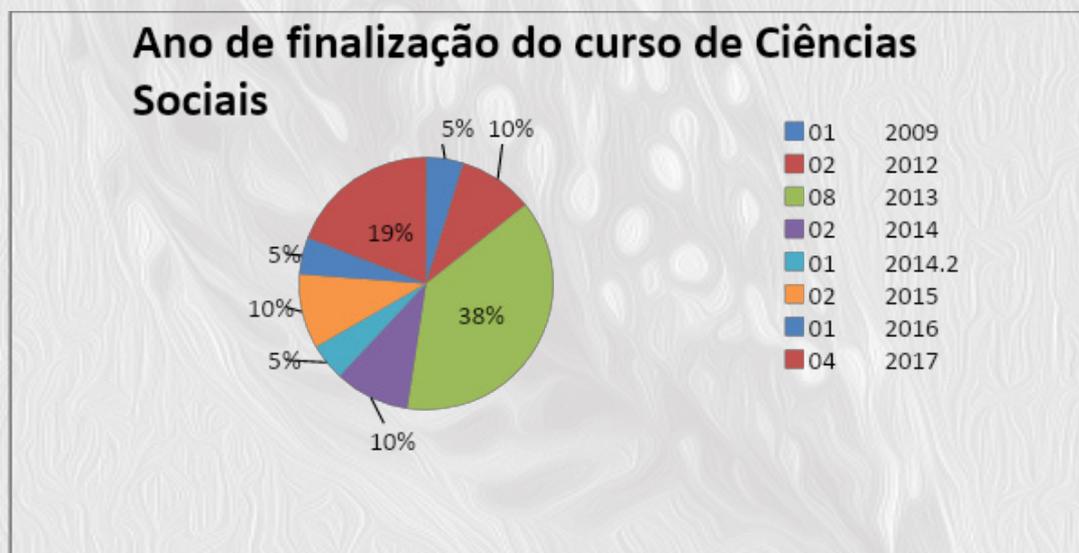




O gráfico abaixo está relacionado ao período de início do curso de Bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE dos egressos participantes da pesquisa.



No tocante ao ano de conclusão de curso dos egressos participantes da pesquisa, o gráfico abaixo elenca os anos de finalização do mesmo.



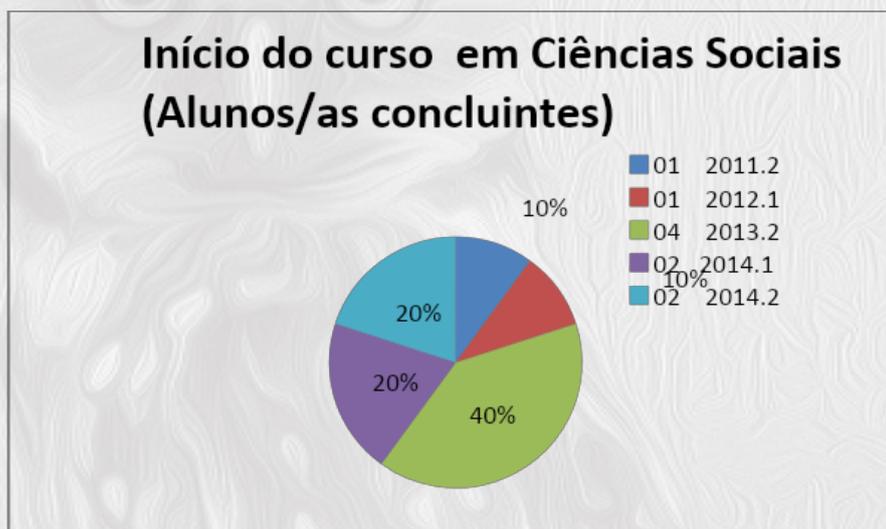
O questionário trabalhado na pesquisa foi divulgado por meio da rede social Facebook no grupo “Interessados em Ciências Sociais”, grupo criado para facilitar a comunicação entre a coordenação e os estudantes de ciências sociais da UFRPE. Foi também entregue via e-mail, os egressos que se prontificaram a participar responderam a questões localizadas no Google Forms.

As questões tinham como objetivo inicial, traçar um perfil dos egressos em relação à ida-

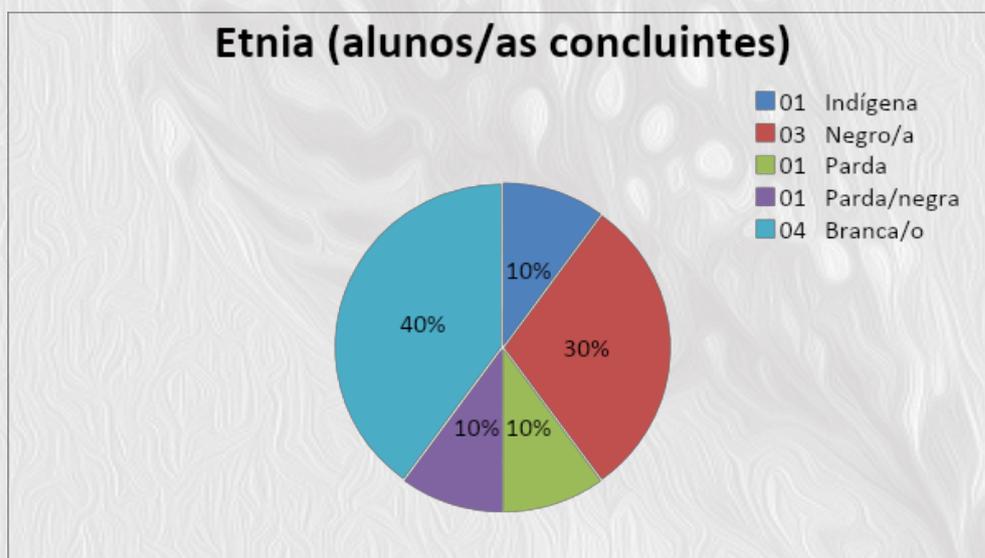


de, gênero, etnia, naturalidade, local em que residem atualmente, início e fim do curso seguido de perguntas relacionadas ao mesmo.

Decidiu-se também consultar os estudantes que estavam prestes a se formar. Entre os estudantes concluintes do período referente a 2017.2 e 2018.1 do curso de ciências sociais, 10 estudantes participaram das entrevistas, visualiza-se abaixo o período de iniciação do curso de cada um/a.



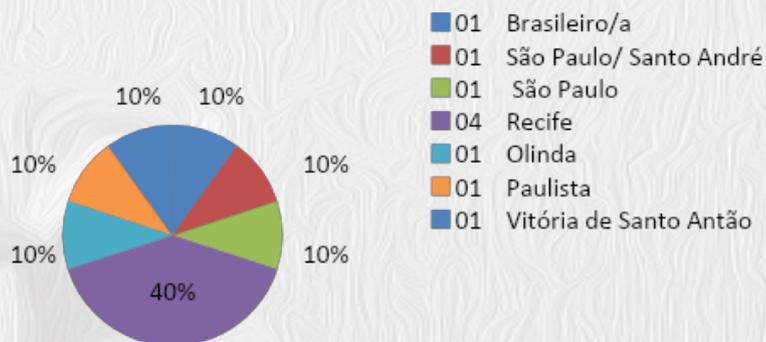
Abaixo é apresentado as informações relacionadas a autoafirmação étnica dos estudantes concluintes:



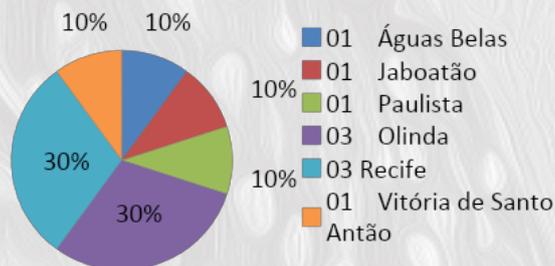
Com relação à naturalidade e o local onde tais estudantes residem nos gráficos abaixo podemos explorar tais informações:



Naturalidade (Estudantes Concluintes)



Cidade onde Residem (estudantes Concluintes)



Resultados e discussão

Neste tópico, serão expostos os resultados provenientes do questionário realizado com os egressos do curso de ciências sociais da UFRPE, tal como as entrevistas realizadas com os concluintes do curso correspondente ao período de 2017.2 e 2018.1.

Desta forma, objetivamos traçar aspectos da realidade dos egressos, a interpretação dos mesmos juntamente com a dos concluintes quanto à perspectiva profissional no início do curso; os pontos de vista destes frente à atuação profissional enquanto cientista social no mercado de trabalho; os desafios e facilidade de se trabalhar nessa área especificamente e a promoção de conhecimentos fomentados pelo curso sobre o campo de atuação profissional.



5.1 Dos questionários entre os egressos

Com base no questionário trabalhado, foi possível estabelecer uma análise sobre a realidade dos egressos, suas expectativas em relação ao curso e visões acerca do mercado de trabalho. Dos 24 egressos participantes da pesquisa 03 possuem outras graduações, sendo 02 em Administração de empresas e 01 em pedagogia, um/a dos egressos pontuou que pretende iniciar uma graduação em Serviço Social. Quanto à opção de curso, 14 destes/as afirmaram que ciências sociais foi sua primeira opção de curso.

No que tange as expectativas em relação ao mercado de trabalho e os principais empregos almejados enquanto cientista social percebe-se que a maioria dos egressos enquanto estudantes pretendiam seguir carreira acadêmica.

Almejava a área acadêmica, fazer mestrado, doutorado e ser professora universitária. No final do mestrado, começamos a vivenciar a recessão econômica, o que repercutiu de maneira negativa com relação às expectativas para o futuro. Uma sensação de incerteza se instalou devido à incerteza da profissão, da diminuição de concursos públicos, etc (Egresso/a de n° 04).

Em análise das falas é perceptível que uma grande maioria dos egressos almejava conseguir algum emprego em ONGs, órgãos públicos, projetos sociais, entre outros, porém a baixa oportunidade de emprego na área das ciências sociais colaborou para que alguns destes profissionais buscassem em outras áreas a possibilidade de uma possível atuação profissional,

Ao iniciar o curso acreditei que o mercado de trabalho oferecia vagas satisfatórias, uma vez que o curso apresentava 80 vagas anuais, mas a realidade foi diferente. Apaixonei-me pela docência e participei de vários grupos de pesquisa e monitoria que me ajudaram a galgar oportunidades extra universidade. Mas repito, não é um mercado abrangente. Sendo assim, optei por seguir carreira acadêmica, pois era o que de mais viável acreditei ser no momento. Desisti da área enquanto cursava o mestrado em Ciência Política e optei pela área de concursos, uma vez que a estabilidade financeira foi mais importante na minha vida (Egresso/a de n° 10).

A questão da estabilização financeira em curto prazo é um ponto discutido por um(a) dos egressos, a escassez de oportunidade de atuação na área colaborou para muitos desde cientistas sociais recorressem a concursos em outras áreas. Levando em conta que o curso de ciências sociais da UFRPE é constituído por três disciplinas fundantes, sociologia, antropologia e ciências políticas, acredita-se que existe uma grande perspectivas de possíveis oportunidades de atuação.



A priori acreditava que o curso ofereceria um retorno a curto prazo devido os vários campos de atuação. Com o decorrer do curso, observei que o retorno que as Ciências Sociais disponibilizavam eram, de maneira geral, de médio/longo prazo, principalmente no momento em que o cientista social segue, por segurança ou paixão, para a área acadêmica (Egresso de n° 15).

Além da expectativa de adentrar ao mercado de trabalho, também notamos egressos, os quais almejam apenas ter um curso voltado às ciências humanas, como destaca o/a Egresso/a de n° 13,

Nenhuma expectativa em relação ao mercado de trabalho, fiz por vontade de ter um curso na área de humanas e talvez no futuro seguir a docência, mas achei o curso algo pra mim muito distante da realidade, também porque sempre tive consciência de que o campo de atuação profissional do curso na UFRPE é nebuloso às expectativas dos estudantes em geral e a minha em questão sempre foram nenhuma. A maioria dos discentes fazem o curso apenas para ter um curso superior.

A viabilidade do curso enquanto pesquisador atuante é bastante denotado em meio às respostas dos egressos, como salienta o/a egresso “Expectativas de trabalhar na área social ou na área de pesquisa em comunidades tradicionais e indígenas ou instituições públicas ou privadas” (Egresso/a de n° 19). Nessa mesma perspectiva o/a Egresso/a de n° 08 salienta que,

Expectativas: atuar como socióloga em órgãos públicos através de concurso público haja vista o mercado para sociólogos em empresa privada ser praticamente inexistente. Principais empregos na área: análise em desenvolvimento social; desenvolvimento social para equidade de gênero.

Também é fulcral salientar as oportunidades de bolsas que a Universidade possibilita para alguns alunos por meios de projetos aos quais podem ser vistos como mecanismos relevantes, repletos de oportunidade para a vida acadêmica, vale salientar que tal oportunidade dar-se de modo meritocrático, o/a Egresso/a de n° 18 diz que,

[...] Logo ao entrar no curso, recebi uma bolsa de estudos (de valor muito pequeno) e, com ela, tive a oportunidade de dar os primeiros passos em atividades de pesquisa. Isso foi fundamental para sentir, ainda no primeiro ano de formação, que as atividades acadêmicas deveriam ser o foco principal dos meus esforços. Nesse sentido, inicialmente não tinha muita noção do campo de possibilidades de atuação do cientista social. Porém, logo no primeiro ano, dei-me conta de que a carreira acadêmica seria o melhor caminho para se ter estabilidade social, econômica e emocional em relação à situação no mercado de trabalho de sociologia



(Egresso/a de n° 18).

Nessa perspectiva, podemos destacar que a maioria dos egressos ressaltaram em suas falas que o objetivo principal ao início do curso se balizava na visão da carreira acadêmica, tanto no que diz respeito à área docente, quanto aos seguimentos voltados a pesquisas sociais em ONGs e outras áreas da sociedade. No que diz respeito ao mercado de trabalho tanto na área pública ou privada evidencia-se o quantitativo mínimo de vagas para o cientista social.

Como mote fundamental de nossa reflexão frente a tais falas, trazemos à tona as ponderações contextualizadas por Schwartzman (2009), o qual nos elucida que a carreira acadêmica é um dos principais setores de exercício do cientista social.

Mirhan (2015) nos mostra que a situação empregatícia na atualidade e principalmente no que diz respeito ao cientista social tem passado por diversos processos, os quais fomentam disputas com profissionais de outras categorias por vagas em determinados empregos. É possível perceber que historicamente a visão do cientista social voltou-se a docência o que por muitas vezes o descaracteriza de suas competências.

Ao serem questionados sobre a promoção de informações e conhecimentos estabelecidos nas aulas sobre os campos de atuação do cientista social no mercado de trabalho e sobre atividades profissionais possíveis dessa atuação. A maioria dos egressos salientaram a escassez de informações acerca das possíveis funções do cientista social na sociedade, a visão linear voltada apenas ao conteúdo é um ponto bastante enfatizado, tal como a trilha acadêmica enquanto oportunidade de trabalho.

Por vezes os professores são focados em indicar os assuntos devidos da grade e nada mais. Pouco se fala em futuro trabalho após graduação. No máximo se fala em mestrado, área acadêmica. Até essa questão de pós-graduação se mostrou algo totalmente frustrante. Além de toda a carga de estudo necessária para passar nos exames de admissão em pós-graduação, coisa que se o aluno não se esforçar muito, não terá ajuda dos professores, a realidade impactante da necessidade de ter um QI (quem indique) do alto escalão de influência se provou uma das maiores frustrações do curso. É deprimente essa necessidade de correr atrás de professores influentes para conseguir algo. É necessário ter contatos, mas assim como se apresenta... É triste (Egresso/a de n° 03).

As aulas de graduação deixaram a desejar tanto no que concerne ao compartilhamento de informações sobre o campo de atuação do cientista social, na atualidade, como as cadeiras de teorias clássicas, por exemplo, em nada contribuíram para solidificar o conhecimento que possuía sobre a área (Egresso/a de n° 21).



No que concerne aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, é necessário atentarmos que, por ser um curso que almeja formar profissionais que dominem determinadas categorias da área certamente a discussão teórica terá determinado destaque.

Alguns dos sujeitos da pesquisa salientaram que alguns eventos estabelecidos fora de sala de aula fomentaram o conhecimento sobre a atuação do cientista social, outros afirmaram que conseguiram obter essas informações com os próprios colegas, em pesquisas individuais ou até mesmo através de conversas pessoais com determinados professores, porém nas aulas tal especulação não ganha muita ênfase. Segundo o/a Egresso/a de n° 18,

Esse tipo de informação não foi objeto de discussão em sala de aula. As aulas voltaram-se mais para o conteúdo dos cursos referentes a que elas se destinavam. Informações sobre mercado de trabalho vieram mais em situações externas às salas de aula, como em eventos de extensão, conversas informais com professores/as etc (Egresso/a de n° 18).

No tocante às disciplinas que foram retiradas da grade antiga do curso de bacharelado em ciências sociais e as possíveis pesquisas que porventura pudessem acontecer fora na instituição de ensino o/a Egresso/a de n° 13 esclarece que,

Chega a ser surreal para os discentes pensar em seguir carreira sendo um cientista social formado pela UFRPE. Com isso torna o curso uma formação apenas como uma ponte para se ter um curso superior. Não há disciplinas nem estímulos para práticas de pesquisa social ou práticas de planejamento para pesquisa de fato, pois pelo menos na minha época as disciplinas de pesquisa ficavam num campo didático de leitura de textos afastando completamente dos discentes, os reais objetivos do curso que é a formação do discente para pesquisa plena na área social, antropológica e política. Com isso lamentei profundamente, enquanto estudante do curso, os equívocos na organização da grade curricular do último projeto pedagógico atualizado em 2012 que retirou da grade curricular a disciplina de estatística aplicada às ciências sociais. Foi uma grande perda para o curso, que no caso, essa disciplina com a atualização da grade curricular em 2012 deveria ter se adequado plenamente ao curso melhorando assim sua perspectiva profissional em relação aos discentes (Egresso/a de n° 13).

Diante do exposto, observa-se que os ex-estudantes do curso, em suas trajetórias acadêmicas, sentiram dificuldades em compreender as possibilidades de atuações profissionais.

Frente às falas descritas por cada egresso, recordamo-nos a visão exposta por Gomes e Azevedo (2017) ao discutir sobre a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), onde pontua que tais profissionais podem trafegar em seguimentos públicos e/ou privados exercendo atividades de pesquisas, gerenciamentos de patrimônios históricos e culturais entre outras funções sem se ater a trilha acadêmica, fala essa que para alguns egressos pode vir



a ser reconhecida como utópica frente a sua realidade de vida.

Dentre os 24 participantes do questionário apenas 03 encontram-se exercendo funções ligadas a área de formação, dentre essas funções destacam-se uma docente trabalhando enquanto substituta na área de sociologia, um pesquisador e uma coordenadora do CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) Municipal, na Secretaria de Assistência Social.

Quando perguntados acerca dos desafios e facilidades que encontraram na atuação como cientista social, alguns sujeitos da pesquisa pontuaram questões relativas a mínimas oportunidades de trabalho, com pouca ou nenhuma possibilidade de inserção na área e desvalorização da profissão. O/a Egresso/a de n° 01 nos expõe que,

A maior dificuldade é justamente o mercado de trabalho. Você se forma e sente muito perdido ou mesmo frustrado. Acho o curso riquíssimo, gostei de ter feito o curso pelos conhecimentos que adquiri, mas precisamos nos sustentar e sem emprego infelizmente fica difícil sobreviver. Sinto que foram quatro anos que só servirão caso eu faça um mestrado e doutorado, se não, ficará só no papel (diploma) (Egresso/a de n° 01).

Voltando-se a questão do cientista social visto apenas como um profissional que trafega na maioria das vezes em ambientes acadêmicos, o/a Egresso/a de n° 16 pontua que é, “Muito difícil nosso campo de trabalho e de fato a universidade e o curso em si na UFRPE não investe em mestrados, especializações essas coisas. Os alunos ficam dispersos...”

Também é salientado que por vezes a maioria da população desconhece a função do cientista social, nessa perspectiva, o egresso de n° 12 ressalta que,

Os desafios são inúmeros, pois a maioria da população desconhece os objetivos e a função de um cientista social. A facilidade se dá pelo fato do curso ser de ampla grade curricular e podemos escolher/transitar por diversas áreas de conhecimento e desenvolvimento pessoal e humano (Egresso/a de n° 12).

Para aqueles/as egressos que conseguiram lograr uma pós-graduação na área das ciências sociais, percebem que é um desafio trilhar o caminho que por vezes é exigido para o reconhecimento enquanto cientista social, como ressalta o egresso a seguir:

No meu caso, particularmente, o desafio se deu ao encarar as seleções de pós-graduação. Ainda no último semestre da graduação, consegui ser aprovado em um mestrado na área, em sociologia, com ótima posição na qualificação, o que garantiu o recebimento de uma bolsa de mestrado por dois anos. Ou seja, sai da graduação diretamente para o mestrado e, posteriormente, do mestrado diretamente para o doutorado. Uma jornada hoje de quase 11 anos. Apenas no mestrado



pude atuar, para além da formação em nível de pós-graduação, como sociólogo. Neste caso, foi como assistente de pesquisa em um centro universitário localizado no sudeste do país. Depois disso, no doutorado, passei a atuar também como pesquisador para uma instituição universitária internacional, realizando atividades de coordenação de pesquisas no Brasil (Egresso de n° 18).

Conclui-se que as oportunidades de emprego apresentam-se como dimensões diminutas para os cientistas sociais, apenas a supramencionada trilha acadêmica ganha ênfase para aqueles que buscam galgar nesta área.

Ao se tratar da visão dos egressos com relação a atuação profissional de cientistas sociais, os/as mesmos/as ponderam que se veem em uma situação precária onde o cientista social por vezes é percebido como assistente social, fala a qual podemos voltar à reflexão proposta por Berger (1986).

Tal realidade se dá muitas vezes com base no que Mirhan (2015) descreve no que diz respeito a áreas disputadas, o que colabora para possíveis confusões imagéticas entre as posições de tais profissionais, o/a egresso a seguir pontua sua visão relacionada a dinâmica de trabalho oferecida no Brasil,

Pobre em si, falando do Brasil, mal somos vistos enquanto profissionais, até se você fizer licenciatura (onde o mercado se abre um pouco) uma pessoa que é historiador ou até filósofo da algo no seu lugar facilmente. Então é frustrante demais pra nós enquanto cientista social a realidade depois de formado. Pelo menos falo por mim e pelas amigas de graduação que estão na mesma (Egresso/ade n° 01).

Levando em consideração as divergências que cercam o curso de ciências sociais nas áreas do bacharelado e licenciatura, o/a Egresso/a de n° 11 pontua que o cenário atual demonstra-se “escasso para bacharéis, para licenciados é mais abrangente”. Nessa perspectiva o/a Egresso/a de n° 12 afirma que, “infelizmente vejo que o caminho se dá apenas para aqueles que desejam continuar na área acadêmica. Não vejo e nem tenho conhecimento que meus companheiros de curso tenham obtido sucesso em trabalhos em órgãos privados ou públicos”.

Os Egressos/as de n° 13 e 19 expõem uma visão atrelada a atual conjuntura em que se encontra o Brasil, acentuando que, “[...] Não há como visualizar mercado de trabalho no momento atual, porque não existe emprego para cientista social apenas com muito esforço na área da docência pois na área de pesquisa não há empregos para cientista social” (Egresso de n° 13).



O/a egresso de n° 19 pontua a fragilidade que se desenvolve na área acadêmica ressaltando que,

Mercado de trabalho muito difícil, tanto para quem tem só graduação tanto para quem tem mestrado e doutorado em áreas afins, como sociologia e antropologia. Concurso na área quando tem é uma vaga com uma concorrência enorme. Tenho vários amigos cientistas sociais que estão terminando doutorado agora e estão sem emprego (Egresso de n° 19).

Dessa forma, conclui-se que mesmo na área acadêmica, visualizam-se poucas vagas para o profissional desta área, o que, cada vez mais fomenta a competição e o desemprego. Ao analisar tais relatos surge uma perturbadora questão, como tem sido configurada a imagem do cientista social no mercado de trabalho? Até que ponto as aulas da graduação tem contribuído para a formação dos estudantes em sua totalidade levando em consideração a constituição de saberes que transcendem os muros da Universidade.

5.2 Das entrevistas com os alunos/as concluintes

Sobre as perspectivas de atuação no mercado de trabalho enquanto cientistas sociais na fase inicial do curso, a grande maioria destacou que tinham conhecimento que o curso se encontrava primordialmente ligado a pesquisa acadêmica, poucos relataram ter entrado no curso sem perspectiva sobre o território prático do cientista social e principalmente no que se refere à atuação profissional. Em algumas falas se tratando do mercado de trabalho a realidade se mostra perturbadora.

Minha perspectiva de atuação no mercado de trabalho com relação a ser cientista social [...] sempre foi muito negativa, por conhecer um pouco o campo. Por não ser o primeiro curso de graduação, é, e por ter completa ciência da restrição que o cientista social enquanto mercado de trabalho, hoje passa. [...] não há esse reconhecimento tanto quanto a restrição de área e a experiência no nosso curso. Na verdade, acaba fomentando um único caminho que é o meu caminho inicial, que era seguir carreira acadêmica. O curso por ter o perfil muito teórico em sua estrutura, acaba deixando um pouco a desejar, de que forma conseguiremos ser cientistas sociais não só de cunho das ideias, mas também de ações práticas (Concluinte de n° 01).

O/a concluinte em conversa informal relatou a visão de uma ciência social que é negligenciada em sua prática e em seu território intelectual. Nessa mesma perspectiva o/a Concluinte de n° 08 discorre que muitos cientistas sociais em início de carreiras assumem “funções que muitas vezes não correspondem [...] ao que a gente aprende na graduação”. O/a concluinte de n° 02 levanta que,



Eu faço um estágio que já é dentro da minha área de ciências sociais e pretendo continuar lá, mas pra o mercado de ciências sociais não funciona! Principalmente porque o curso tem um déficit de preparar aluno para mercado, a gente aqui dentro é muito pautado em academia, em permanecer dentro da carreira acadêmica, mas não pra mercado. A gente não consegue muitas vezes aplicar as ciências sociais em coisas simples, porque a gente não tem esse link de realidade dentro da academia, aqui dentro não é passado isso nem pro curso de ciências sociais (Concluente de n°02).

É perceptível notar nas falas de todos os Concluintes a percepção de que o curso tem se voltado apenas ao território teórico em detrimento do prático, o/a Concluente de n° 09 faz outras ressalvas revelando que “apesar de ter um currículo que favorece muito a reflexão [...] fica muito a desejar no sentido de didática de alguns professores”. Diante das afirmativas surge um questionamento, será que a visão de um curso extremamente conteudista dar-se pela falta de didática dos docentes responsáveis pelas disciplinas ou pelo próprio rigor teórico do curso?

Sobre o fornecimento de informações e conhecimentos sobre os campos de atuação do cientista social no campo profissional e sobre atividades possíveis dessa atuação referenciadas em sala de aula, algumas falas ponderaram que,

As aulas, elas me forneceram informação e conhecimento sobre o campo de atuação do cientista social, porém ela pode ter fornecido [...] essas informações e conhecimento, mas ela não oferece ferramentas para isso. Por exemplo: aqui na Rural você [...] paga uma cadeira de, é, métodos quantitativos sem computador, né, Tu tem aí o SPSS que inclusive é uma área [...] que tá crescendo pra caramba, né! em ciências sociais, é, e aí você tem uma aula que a maioria do tempo é escrita no quadro, né! Então fica difícil de você colocar em prática a atuação mesmo e utilizar a ferramenta do SPSS que eu acho que pouquíssimas pessoas na Rural sabem utilizar. [...] A gente tem a informação e conhecimento, a gente só não tem as ferramentas pra poder fazer isso (Concluente de n°03).

Nessa mesma perspectiva de atuação, o/a Concluente de n° 10 nos explana que,

[...] apenas duas disciplinas ajudaram a enxergar um norte pra onde ir, as disciplinas de Extensão Rural que é optativa [...] Políticas Públicas, [...] e as Sextas Sociais²⁷ quando [...] convidava alguém, algum profissional da área que trabalha em ramos completamente diferentes pra mostrar pra gente que existe outros profissionais e vários campos de trabalhos na área.

²⁷ As Sextas Sociais eram realizadas uma vez a cada mês na disciplina de “Introdução a Sociologia” ofertada durante o primeiro período de Ciências Sociais, tal evento tem como responsável a Professora Júlia Benzaquen. O dia do mesmo é modificado frente aos horários da disciplina, não se mantendo prioritariamente em dias de sexta.



Outras falas nos expõem que o conhecimento sobre as funções e possíveis exercícios do cientista social não se deram em sala de aula, outras afirmam que se estabeleceram principalmente em disciplinas isoladas, como podemos ver nas duas falas a seguir:

Não, durante as aulas não! As aulas do curso no momento tem um caráter muito teórico, assim em termos de mercado de trabalho, durante as aulas o que eu enxergo é a academia, mas eu sei que o cientista social não pode atuar só na academia, agora eu sei! Mas isso não veio de dentro da sala de aula (Concluente de n° 04).

Em relação ao fornecimento de informações e conhecimentos sobre as demais funções do cientista social no mercado de trabalho, alguns concluintes ponderam que as aulas conseguiram estabelecer tais informações, no entanto foi necessário implementar tal conhecimento em outros ambientes, outros entrevistados pontuam que não. Nesse mesmo contexto, o/a concluente de n° 09 postula que,

[...] a gente sabe onde pode atuar teoricamente, né! mas na prática será que nossa formação ela vai nos dar realmente embasamento para atuar nessas áreas? Me parece que durante a formação o que é colocado como principal caminho realmente é a carreira acadêmica e ao mesmo tempo a gente não tem base de disciplina metodológica para isso.

Com relação à visualização do panorama empregatício para o Cientista Social, na atualidade, a maioria das respostas dos concluintes se fundamentou em únicas ideias, por exemplo, uma visão de um sistema mercadológico precário arraigado de preconceitos os quais enxergam o cientista social como “cabeça de revolução” recheado de conotações negativas (Concluente de n° 06). O mesmo ainda destaca que,

[...] existe, eu acredito que seja uma espécie de preconceito com o próprio cientista social que acaba limitando esse mercado de trabalho. É, você pega as próprias instituições públicas, né! É, o trabalho que seria de competência do cientista social, muitas vezes uma prefeitura de cidade do interior acaba contratando um assistente social simplesmente por um trabalho prático, vamos dizer assim. Quando na verdade se precisaria de um trabalho de pesquisa mesmo, pra focar exatamente no problema [...] (Concluente de n° 06).

Além dessa realidade frustrante de substituição que o cientista social vivencia, o/a Concluente de n° 07 nos descreve que “é complicado [...] porque se confundem muito, no meu último estágio, assim, existia muita confusão sobre o que era o trabalho do cientista social com o do assistente social”.



Nessa perspectiva, enxergamos a grande problemática que deve ser enfatizada e trabalhada durante as aulas do curso, qual é o papel do cientista social? E no que a função deste se diferencia dos assistentes sociais? Duas falas expressam de maneira clara a visão de alguns concluintes sobre a realidade de emprego para aqueles/as que finalizaram o curso de ciências sociais:

Pra mim, se resume a um exemplo simples, de todas a pessoas que eu conheci no curso, eu cheguei aqui, acho que me relacionei diretamente com muitas pessoas, é, mas com certeza mais de 50 pessoas do curso, apenas uma conseguiu se formar e ter um emprego, um trabalho e um espaço de execução da sua experiência que foi adquirida aqui na universidade como cientista social (Concluente de n° 01).

Eu só conheço [...] uma pessoa que trabalha na área de ciências sociais, que não seja dentro da academia, que inclusive ele trabalha comigo, que é nesse lugar que de fato a gente, é, consegue atuar e colocar em prática o que a gente aprende dentro da academia. (concluente n° 02)

Na tentativa de exemplificar uma das perspectivas de alguns concluintes, trazemos a fala da Concluente de n° 09 ao discorrer que, “o que a gente espera, é que a gente possa ir além de tá aplicando entrevista na rua, né! Coisa que talvez não demandasse uma formação de quatro anos”.

Em suma, diante das falas podemos visualizar os desafios os quais os concluintes deverão passar nesta nova fase da vida profissional repletas de incertezas quanto à profissão, as debilidades que se encontram no mercado, tal quais as vulnerabilidades as quais circundam o ambiente acadêmico e mais especificamente o Curso de Ciências Sociais da UFRPE.

Considerações finais

Este estudo buscou mapear o perfil dos estudantes egressos do Curso de Ciências Sociais da UFRPE, tendo como foco a atuação desses sujeitos no mercado de trabalho, tal qual refletir de que forma o Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE está preparando para a atuação no mercado de trabalho.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico a formação para o mercado de trabalho (Educação/pesquisa/ONGs) e a formação profissional por meio do estágio dos cientistas sociais. Tais temáticas foram de grande relevância para podermos traçar nossas análises acerca do que se pretendeu dialogar.

A partir da análise dos dados obtidos, foi possível traçar um perfil dos egressos e estudan-



tes concluintes, suas realidades atuais, seus processos de incertezas frente à profissão, assim como suas aspirações durante o curso, a percepção das práticas pedagógicas provenientes do modelo de ensino vivenciados pelo departamento de Ciência Social da UFRPE e principalmente a realidade dos cientistas sociais formados por esta instituição.

Tal investigação não foi levada a conclusão total, pois presume-se que os apontamentos expostos nos darão um norte inicial para refletirmos de forma complexa sobre a prática de ensino exercida no curso, as metodologias e ferramentas que são postas a favor da assimilação do conhecimento e as formas de inserção destes indivíduos na vida profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares para os cursos de Graduação em Ciências Sociais - antropologia, ciência política, sociologia.** Parecer CES 492/2001. Parecer CNE/CES nº 492/2001, aprovado em 3 de abril de 2001.

BERGER, Perter L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística.** Petrópolis, Vozes, 1986.

Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES nº 12, de 13/03/2002.** Brasília, DF: CNE, 2002. Disponível em www.mec.gov.br. Acesso em 04 mar. 2018

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Fabio de Medina; AZEVEDO, Gustavo Cravo de. **Reflexões sobre mercado de trabalho para cientistas sociais e pressões por mudanças curriculares.** Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. vol.1, nº.1. p. 92-12. jan./jun. 2017. Disponível em: <https://abecs.com.br/revista/index.php/cabecs/article/view/17/32>. Acesso em 11 de mar. de 2018.

MIRHAN, Lejeune. **O mercado de trabalho e a profissionalização do sociólogo.** 1 ed. São Paulo. 2015.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poíesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542/7012>. Acesso em 10 de mar.de 2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry; **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.** São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, Robson. **Os Direitos Humanos nas Referências e Diretrizes Curriculares para a**



Graduação em Ciências Sociais. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

SCHWARTZMAN, Simon. **A sociologia como profissão pública no Brasil.** CADERNO CRH, Salvador, v. 22, n. 56, p. 271-279, Maio/Ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v22n56/v22n56a05.pdf>. Acesso em 09 de mar. de 2018.

SILVEIRA, Vanessa Ferreira da; SILVA, Ileizi Fiorelli. **Graduação, a escolha entre licenciatura e bacharelado.** I Simpósio Estadual sobre a formação de professores de Sociologia. p.1-7. Nov.2008. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/GT4%20Artigo%20Vanessa%20Ferreira%20Graduacao%20a%20escolha.pdf>. Acesso em 04 de mar. de 2018.

Universidade Federal Rural De Pernambuco (Ufrpe) Departamento De Ciências Sociais (Deciso). **Projeto Pedagógico Do Curso De Bacharelado Em Ciências Sociais.** 2012.